

# ACONTECIMENTO, MÍDIA E EXPERIÊNCIA: UMA PERSPECTIVA PARA A ANÁLISE DAS CELEBRIDADES<sup>1</sup>

PAULA GUIMARÃES SIMÕES

## RESUMO

Este artigo discute o conceito de acontecimento, a fim de destacar algumas de suas contribuições para a análise das celebridades na cena pública contemporânea. O texto apresenta alguns estudos que abordam essa noção e propõe uma perspectiva do acontecimento a partir de sua articulação com a experiência. Em seguida, o artigo evidencia como ocorre a individuação dos acontecimentos, destacando o papel da mídia nesse processo e o modo como são evidenciados valores e normas do con-

texto social contemporâneo. Para finalizar, aborda-se como a análise do acontecimento permite apreender a biografia de uma figura pública, a partir das várias ocorrências que edificam cotidianamente sua trajetória de vida. Evidencia-se, assim, que a operacionalização do conceito de acontecimento, a partir de seu processo de individuação, possibilita compreender tanto a constituição de um rosto público específico como a sua inserção no contexto social mais amplo e seu quadro de valores.

## PALAVRAS-CHAVE

Acontecimento, mídia, experiência, celebridades, análise do acontecimento.

<sup>1</sup> Agradeço à professora Vera França, orientadora da tese de doutorado (SIMÕES, 2012d) em que essas discussões foram realizadas. Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio concedido através de bolsa durante o curso, ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), à FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais) e à PRPq (Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG) pelo auxílio concedido para a continuidade dessas reflexões. Por fim, agradeço aos pareceristas da revista pelas contribuições à versão final do artigo.

## INTRODUÇÃO

O conceito de acontecimento vem sendo acionado com sentidos diversos, por diferentes pesquisadores, a fim de responder a problemas de pesquisa variados. A noção tem uma grande centralidade nos estudos contemporâneos de jornalismo, ao mesmo tempo em que é mobilizada, por exemplo, para investigar narrativas produzidas por um dispositivo como o documentário. Na tentativa de operacionalizar o conceito, pesquisadores já buscaram construir tipologias para o mesmo ou desdobrar categorias analíticas de ricas discussões sociológicas e filosóficas.

O objetivo deste artigo é discutir esse estado da arte em relação ao conceito de acontecimento, a fim de elucidar o modo como ele pode ser enriquecedor para a análise da construção da narrativa biográfica das celebridades na cena pública contemporânea. Para tanto, apresentamos uma breve revisão de estudos que usam a noção a partir de abordagens distintas. Em seguida, evidenciamos o modo como o conceito é aqui entendido, a partir da articulação entre acontecimento e experiência. Discutimos o processo de individuação dos acontecimentos, destacando o papel da mídia em sua constituição, bem como o modo como esse processo revela valores e normas que orientam a conduta humana. Na última seção do artigo, discutimos como esse referencial teórico pode ser acionado para compreender a construção da trajetória de vida de um ídolo, a partir da análise dos acontecimentos que configuram sua biografia.

## REFLEXÕES SOBRE ACONTECIMENTO: ALGUMAS ABORDAGENS

Um primeiro grupo de trabalhos a ser destacado se inscreve no campo do jornalismo. Muitos são os estudiosos que vêm se dedicando ao estudo do acontecimento nessa área, tanto para perceber o que configura um acontecimento jornalístico como para apontar suas relações com outros campos. Pontes e Silva (2010), por exemplo, investigam a relação entre acontecimento jornalístico e história, enquanto o trabalho de Vogel (2010) procura refletir sobre acontecimento na interface entre jornalismo e arte. Entretanto, grande parte dos estudos ligados ao jornalismo procura compreender e desvendar as especificidades do acontecimento jornalístico e a lógica de constituição da notícia.

Um marco inicial na apropriação do conceito pelo jornalismo pode ser situado na obra da socióloga norte-americana Gaye Tuchman (1978). Como explica Eduardo Meditsch (2010), o livro *Making news: a study in the construction of reality* reflete o esforço da pesquisadora por apreender “as notícias ‘como a construção social da realidade’.” (Meditsch 2010: 21). Nesse sentido, o acontecimento é visto como aquilo que

se configura como notícia, ou seja, é acontecimento o que é narrado pelo jornalismo.

Seguindo essa mesma perspectiva, Éliséo Véron desenvolve um trabalho (publicado em 1981) sobre a cobertura jornalística do acidente na central nuclear de *Three Mile Island*, ocorrido nos Estados Unidos, em 1979. Segundo o autor,

Os acontecimentos sociais não são objetos que se encontram já feitos em alguma parte da realidade e cujas propriedades e transformações nos são dados a conhecer de imediato pelos meios de comunicação com maior ou menor fidelidade. Eles só existem na medida em que esses meios os elaboram. [...] Os meios informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade (Verón 1995: II apud Meditsch 2010: 21-22, grifos nossos).

Nessa abordagem, os acontecimentos são elaborações feitas pelos meios de comunicação. Em outro trabalho, Véron (1997) se volta justamente para as operações discursivas que permitem ao dispositivo de enunciação do telejornal construir e elaborar os acontecimentos. Assim, há quase uma coincidência entre acontecimento e notícia, como sugere também a perspectiva de Alsina: “Os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua realidade discursiva” (Alsina 2009: 46 apud Meditsch 2010: 22). O foco desses pesquisadores é na notícia como construtora da realidade social, a partir de determinadas lógicas de produção e organização que regem o jornalismo.

A reflexão de Maurice Mouillaud (2002) também se insere nessa perspectiva que procura desvendar o acontecimento no campo do jornalismo. Para o autor, no momento da ocorrência do acontecimento, existe “uma explosão do sentido pulverizado em um pó de detalhes” (Mouillaud 2002: 49), cabendo ao campo da informação construir a moldura que enquadra o sentido na construção da notícia. Segundo Mouillaud, assim, acontecimento é “a modalidade transparente da informação; aquilo que, então, aparece como figura é seu objeto: os acontecimentos aos quais se refere a informação formam o mundo que se supõe real” (Mouillaud 2002: 56).

Esse conjunto de pesquisadores procura investigar o acontecimento no interior do campo do jornalismo, desvendando as lógicas de construção da enunciação próprias a esse campo. Essa perspectiva é nomeada por Louis Quéré (1997) de *construtivismo* e

está fundada sobre a ideia de que os acontecimentos que a mídia nos apresenta não são as imagens puras e simples do que ocorre no mundo, mas os resultados de um processo socialmente organizado, e socialmente regulado, de dar forma a, de encenar e de dar sentidos às informações, isto é, de descrições de ocorrências ou de situações (Quéré 1997: 416).

Conforme Quéré, o construtivismo pode assumir duas formas: uma radical e

uma moderada. A abordagem mais radical entende o acontecimento como “um puro artefato mediático” (1997: 417); ele é visto menos como uma ocorrência no mundo e mais como um esquema de percepção e de representação da realidade construído pela mídia. A perspectiva moderada, por sua vez, situa a constituição dos acontecimentos nos processos de construção das notícias, levando em conta o papel das empresas e da própria linguagem jornalística nesse processo. Esse tipo de abordagem tem o mérito de evidenciar que os acontecimentos são sempre construções, não existem como dados *a priori*. Entretanto, ela toma o acontecimento como sendo *apenas* o relato disponibilizado através das notícias, negligenciando uma dimensão central que é a ocorrência dele na *experiência* dos sujeitos.

A crítica à perspectiva que restringe o acontecimento à notícia também é feita por Leal, Vaz e Antunes (2010). Ao discutir a homofobia como um campo problemático capaz de gerar acontecimentos, os pesquisadores ressaltam que estes nunca se esgotam na sua conversão em notícia, pois se vinculam a um amplo conjunto de relações sociais e exigem operações interpretativas diferentes (Leal; Vaz; Antunes 2010: 238).

Outra maneira de refletir sobre acontecimentos no campo do jornalismo é a partir da noção de *agendamento*. Bregman (1997) procura perceber a dinâmica de construção de um acontecimento político no interior da agenda midiática. O pesquisador atenta para os temas que disputam tal agenda em determinado contexto, bem como o modo como interpretações divergentes acerca de um mesmo assunto ocupam a cena de visibilidade pública. Leal *et al.* (2010) também recorrem à noção de agendamento para refletir sobre o acontecimento jornalístico. De acordo com os autores, “a mídia promove uma hierarquização de temas e o estabelecimento de graus de relevância para os diferentes assuntos” (Leal *et al.* 2010: 195).

Na perspectiva do agendamento, é preciso ter cuidado para não reduzir o acontecimento à dimensão de constituição de sua relevância e saliência no cenário midiático (Quéré 1997). Essa abordagem privilegia a dimensão de configuração da visibilidade das ocorrências na mídia, bem como de sua hierarquização. Mais uma vez, existe o risco de encerrar o acontecimento nos limites da esfera midiática, negligenciando sua emergência na experiência dos sujeitos. Afinal, ainda que o dispositivo midiático seja também construtor do acontecimento, “a mídia não é o único agente nesse processo de constituição” (Leal *et al.* 2010: 209).

Outra perspectiva entende o acontecimento em termos de um *ritual*. Daniel Dayan e Elihu Katz (1994) se voltam para o modo como determinadas cerimônias e rituais (como uma coroação ou um casamento reais) são tratados pela mídia, particularmente, pela televisão, configurando-se como *acontecimentos midiáticos*. Na visão dos pesquisadores, tais acontecimentos constroem uma visão idealizada de sociedade, enfatizando certos valores e aspectos importantes da memória coletiva (1994: ix). O foco de Dayan e Katz é nesses espetáculos e manifestações extraordinárias, que marcam uma interrupção da

rotina, são planejados e programados com antecedência para serem exibidos ao vivo pela TV. Os autores se preocupam em distinguir esse tipo de acontecimento (que se configura como um gênero televisivo) dos acontecimentos noticiosos que povoam a cena midiática cotidianamente, como um acidente nuclear ou uma tentativa de assassinato de um presidente.

De acordo com Quéré (1997), o risco nesse tipo de abordagem é desconsiderar a dimensão temporal dos acontecimentos. Isso porque, o ritual é entendido, nesse viés, como uma entidade *atemporal*, como um dispositivo repetitivo e cerimonial que pode orientar a apreensão dos acontecimentos pela mídia. Quéré destaca que não se pode buscar apreender tais ocorrências apenas em uma dimensão ritualística e atemporal, negligenciando o aspecto temporal dos acontecimentos, que irrompem no cotidiano e se inscrevem em um espaço-tempo.

Essa dimensão temporal dos acontecimentos é enfatizada também por Antunes (2008). O pesquisador explora a temporalidade como uma dimensão de análise importante da construção do acontecimento jornalístico, entendido como “um dos insumos da experiência, ao mesmo tempo em que pode ser pensado também como uma forma de experiência” (2008: 12). Dessa forma, Antunes ressalta o caráter temporal do acontecimento, bem como sua inscrição no terreno da experiência – afastando-se, portanto, da abordagem em termos de um ritual.

A noção de acontecimento também já foi recuperada para discutir o conceito de dispositivo como estratégia narrativa (Migliorin 2006). Partindo da discussão filosófica de Gilles Deleuze (1975)<sup>2</sup>, o pesquisador entende que os acontecimentos “constituem um campo de imanência com uma pluralidade de possibilidades de sentido” (Migliorin 2006: 88). Dessa forma, as narrativas construídas através de um dispositivo como o documentário também possibilitam a irrupção de acontecimentos, a partir da “criação de efeitos imponderáveis” que permitem “a invenção de mundos possíveis” (2006: 93).

Outras reflexões sobre o acontecimento se voltam para a construção de tipologias. Partindo do pressuposto de que todos têm necessidade de informação, Molotch e Lester (1997) apresentam uma classificação dos acontecimentos públicos em quatro tipos: 1) acontecimentos de rotina (ocorrências que são intencionalmente planejadas e promovidas à categoria de acontecimento pelos agentes das notícias, como uma conferência de imprensa); 2) acidentes (ocorrências decorrentes de erros de cálculo, que não são intencionalmente convertidas em acontecimento e marcam uma ruptura na ordem habitual das coisas); 3) escândalos (partilham com os acidentes a ruptura na

<sup>2</sup> Em *Lógica do Sentido*, Deleuze desenvolve uma densa discussão acerca da noção de acontecimento. É importante destacar aqui a associação que o pensador faz com o simbólico: “É neste sentido que é um ‘acontecimento’: com a condição de não confundir o acontecimento com sua efetuação espaço-temporal em um estado de coisas. Não perguntaremos, pois, qual é o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido” (1975: 23, grifo do autor).

ordem, mas eles são promovidos intencionalmente pelos agentes da notícia à esfera dos acontecimentos); 4) acasos felizes (ocorrências imprevistas e não intencionais, alçadas ao lugar de acontecimento pelos agentes das notícias). O objetivo dos autores é apreender algumas estratégias de construção da realidade pelos meios que detêm o poder de orientar a experiência do público a quem se dirige, a partir desses diferentes acontecimentos que ocupam o cenário de visibilidade da mídia.

Patrick Charaudeau (2006: 138) destaca três tipos de acontecimento, conforme o seu modo de aparição: 1) acontecimento-acidente (que tem um caráter inesperado); 2) acontecimento programado (que é planejado segundo um calendário que organiza a vida social); 3) acontecimento suscitado (que é provocado por determinado setor institucional, que pressiona as mídias para conquistar visibilidade). Para Charaudeau, esses tipos de acontecimento irrompem no mundo e são nomeados e tratados pelo discurso midiático (a partir de diferentes critérios) para que sejam levados ao conhecimento de alguém.

Isabel Babo-Lança (2008b) perpassa várias tipologias de acontecimento de diferentes autores e propõe o conceito de *acontecimentos réplica*: estes são deslocados de seu contexto de irrupção e passam a ser reproduzidos pela mídia. Na visão da pesquisadora, “nas réplicas do acontecimento, a textura causal, temporal e de sentido deste é desmantelada pela repetição constante e segmentação em fragmentos-réplicas do ocorrido” (Babo-Lança 2008b: 13). Com esse tipo de acontecimento, ocorre, na visão de Babo-Lança, a “falência do sentido e da experiência” (2008b: 14).

O trabalho de Berger e Tavares (2010) realiza um grande esforço de revisão desses e de outros autores que classificam os acontecimentos em determinados tipos. Micro, macro e megaacontecimentos (Santos 2005); grandes e pequenos acontecimentos (Miranda 2005); pseudo-acontecimentos (Boorstin 1992); acontecimentos noticiosos (Dayan; Katz 1994) ou acontecimentos jornalísticos (Antunes 2007). Inúmeras são as nomeações retomadas por Berger e Tavares, que constroem um quadro-síntese que distingue: 1) acontecimento em geral; 2) acontecimentos na/da mídia; 3) acontecimentos imprevistos; 4) acontecimentos previstos (2010: 140).

Essas tipologias podem trazer contribuições no modo de identificação inicial do acontecimento, mas a análise não deve ser submetida à simples identificação do acontecimento em um quadro tipológico. Além disso, algumas características vinculadas ao acontecimento nessas tipologias não correspondem ao modo como compreendemos o conceito neste trabalho: 1) os acontecimentos são, em geral, marcados pela imprevisibilidade, têm algo de inesperado, mesmo que sejam programados, na medida em que instauram uma descontinuidade na *experiência* daqueles sujeitos que são por eles afetados (Quéré 2005). 2) mesmo que sejam deslocados de seu contexto original, os acontecimentos não perdem sua dimensão de sentido e de experiência, já que ela é fundadora da própria noção de acontecimento.

Assim, reconhecemos a centralidade do conceito de acontecimento nos estudos de

jornalismo, bem como sua importância ao desvendar as lógicas que regem o sistema de produção das notícias. Além disso, reconhecemos a validade das reflexões que procuram tipificar os acontecimentos. Entretanto, nossa perspectiva aqui se afasta de tais objetivos e procura rearticular a noção de acontecimento à experiência dos sujeitos na vida social, a fim de construir um modo de análise das celebridades. Essa abordagem será apresentada na próxima seção.

## ACONTECIMENTO E EXPERIÊNCIA: DA VIVÊNCIA DE UMA OCORRÊNCIA À SUA INDIVIDUAÇÃO PELA MÍDIA

A relação com a experiência é central na compreensão da noção de acontecimento que orienta este trabalho. Assim, antes de discutir esta última, evidenciaremos o modo como o conceito de experiência é aqui entendido. Em seguida, passamos à discussão do acontecimento, de sua *passibilidade*, de sua inscrição no tempo (em relação ao passado e ao futuro), de seu poder hermenêutico, de seu processo de individuação, bem como do papel da mídia nesse processo.

### A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA

A experiência se refere ao nosso estar no mundo, ao modo como o apreendemos, como nos relacionamos com ele e com os outros indivíduos na vida cotidiana. Essa dimensão interacional e prática da experiência é enfatizada pelos pragmatistas<sup>3</sup> George Herbert Mead e John Dewey. Em *The Philosophy of the Act* (1938), Mead refere-se à experiência como uma parte do processo vital dos seres vivos, que inclui as ações destes em relação ao meio ambiente. Como explica Ignacio Sánchez de la Yncera (1994: 62-63), a concepção de experiência proposta por Mead enfatiza a dimensão interativa que constrói a relação entre organismo e ambiente.

Essa perspectiva interacional da experiência é compartilhada por John Dewey. Segundo o pragmatista, toda experiência é o resultado de interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo no qual ela vive.

<sup>3</sup> O pragmatismo é uma perspectiva filosófica que tenta compreender as condições em que se cria o pensamento, sendo que as ideias são vistas como surgindo da ação. Essa filosofia da ação é iniciada por Charles Peirce, nos EUA, no fim do século XIX, e seguida por outros pensadores, como William James, John Dewey e George Herbert Mead. Esses dois últimos são responsáveis por incorporar as reflexões do pragmatismo no campo da sociologia e das ciências humanas (JOAS 1999). Para uma retomada do histórico e das características dessa perspectiva, ver Pogrebinski 2005; Muphy 1993; Sánchez de la Yncera 1994.

Um homem faz algo; levanta uma pedra, por exemplo. Em consequência padece, sofre alguma coisa: o peso, a resistência, a textura da superfície da coisa levantada. As propriedades assim sofridas determinam o agir subsequente. A pedra é excessivamente pesada ou muito angulosa, ou não é suficientemente sólida; ou, ainda, as propriedades sofridas mostram que ela é adequada para o uso para o qual foi pretendida. O processo continua até que emergja uma adaptação mútua do eu e do objeto, e então tal experiência específica alcança um término (Dewey 1980: 95-96).

Dewey enfatiza, assim, a experiência como uma *travessia*, marcada por uma dupla dimensão: a experiência se constitui a partir da ação de um indivíduo, que inicia o percurso e, ao mesmo tempo, sofre algo em consequência daquela primeira ação. Na perspectiva dele, “a experiência é *behavioral*: ela é uma questão de ação, comportando elementos motores, nas interações de um organismo com o ambiente que o circunda” (Quéré 2010: 31, grifo do autor). Ela se constitui na transação entre o agir e o reagir, entre o produzir e o sofrer, os quais, por sua vez, orientam as ações futuras. Nesse processo, tanto a criatura viva como o aspecto do mundo com o qual ela interage se adaptam à situação vivida e se transformam mutuamente. Evidencia-se, assim, o papel transformador do sujeito e do mundo através da vivência de uma experiência.

Para Dewey, a experiência acontece continuamente, pois a interação entre o ser vivo e as condições que o cercam “está implicada no próprio processo da vida” (Dewey 1980: 89). Como analisam Guimarães e Leal, “sendo ‘interação’, a experiência para Dewey está implicada nas condições e nas dimensões concretas da relação do indivíduo com o ambiente e, conseqüentemente, não pode ser caracterizada por outro aspecto exclusivamente” (Guimarães; Leal 2008: 5-6).

A experiência deve, assim, ser pensada a partir do contexto concreto dos indivíduos e envolve as ações racionais e emocionais que eles realizam no mundo. Ela se desenvolve como um processo de percepção e interpretação das coisas, que se efetiva a partir de um repertório existente, o qual é atualizado, configurando um processo interativo entre os indivíduos, as coisas do mundo e as temporalidades que marcam um contexto.

Além de destacar a interação como elemento central na configuração das experiências, Dewey salienta as diferenças de completude e de intensidade que as caracterizam. Conforme o filósofo, algumas experiências são marcadas por dispersão, fragmentação e monotonia; são incompletas e, por isso, não podem ser pensadas como *uma* experiência (Dewey 1980: 89). Aqui, a interação configuradora da experiência é vista como “rotineira, mera repetição, submissa a convenções práticas e procedimentos intelectuais” (Guimarães; Leal 2008: 6). Em um segundo sentido, a experiência é vista como *uma* experiência, marcada por completude e intensidade; a interação “pode integrar as várias capacidades humanas, pode mobilizá-las livremente de modo que seu resultado seja uma experiência integral, forte, de rara intensidade” (Guimarães; Leal 2008: 6). De qualquer forma, em ambos os sentidos, a experiência é entendida como constituída por



um duplo movimento: o agir e o sofrer.

É importante destacar, ainda, a associação que Dewey realiza entre experiência e contexto. Se a “experiência é o nome do mais abrangente dos contextos” (Dewey 1998: 215 *apud* Pogrebinski 2005: 60), é fundamental ressaltar que estes se efetivam a partir da relação entre indivíduo e sociedade. Em sua discussão sobre as mudanças no modo de abordar as representações que marcaram o desenvolvimento das ciências humanas, Foucault evidencia justamente essa relação entre as experiências individual e coletiva na construção dos sentidos. Segundo o autor,

[...] a cadeia significativa por meio da qual se constitui a experiência única do indivíduo é perpendicular ao sistema formal a partir do qual se constituem as significações de uma cultura: a cada instante a estrutura própria da experiência individual encontra nos sistemas da sociedade um certo número de opções possíveis (e de possibilidades escolhidas); inversamente, as estruturas sociais encontram em cada um dos seus pontos de escolha um certo número de indivíduos possíveis (e outros que não o são), da mesma maneira que na linguagem a estrutura linear torna sempre possível num dado momento a escolha entre várias palavras ou vários fonemas (mas exclui todos os outros) (Foucault 1966: 494).

Foucault enfatiza, assim, o papel da linguagem, o qual é central na efetivação da experiência. É a linguagem que marca o ser do indivíduo em sociedade. Como também destaca Rodrigues, “é na e pela linguagem que a experiência se constitui, se revela ou se desvenda o sentido que a enforma” (Rodrigues 1991: 32). A linguagem tem, portanto, um papel constituidor da experiência humana.

Adriano Rodrigues (1991) destaca três funções da linguagem na constituição da experiência: a) a inspeção, que se refere ao processo em que o sujeito acessa o mundo; b) a decifragem diz respeito ao processo de interpretação que caracteriza a leitura que o sujeito faz do mundo; c) e a elaboração mítico-poética que se realiza através da criação de sentidos novos sobre o mundo. Nesse processo, segundo o autor, o sujeito converte sua relação com o meio ambiente em um mundo próprio (1991: 27). Para Rodrigues,

A experiência da vida insere-se na relação do homem com o mundo, consigo próprio e com os outros. É nas manifestações simbólicas da cultura que o homem preenche o abismo que o separa das coisas, de si próprio e dos outros, acedendo assim à consciência reflexiva e à experiência da vida em comum. Pela linguagem, experiência simbólica por excelência, o homem prossegue o ilimitado trabalho de preenchimento deste abismo e a elaboração de um sentido para o enigma da vida (Rodrigues 1991: 27).

O pesquisador destaca, assim, o papel do sujeito ao utilizar a linguagem para preencher de sentidos esse abismo que o separa do mundo. Esse lugar do sujeito

na construção e na vivência de experiências deve ser enfatizado aqui: nosso olhar incide sobre a experiência humana, sobre o agir e o sofrer dos indivíduos em relação ao universo simbólico que eles constroem, atualizam e movimentam. Esse é um dos aspectos evidenciados por Vera França, ao comentar o texto de Quéré (2010) sobre o *caráter impessoal da experiência*: “apenas o sujeito vive uma experiência, é afetado e age em consequência; o ambiente, ou meio exterior, entra como ‘fator na experiência’ como aquilo ‘que coloca objeção e resiste, que freia e entrava, que bloqueia e se opõe, que suscita tensões e conflitos (p. 33)” (França 2010: 44).

É importante destacar também que essa atuação dos sujeitos acontece sempre em relação ao universo cultural em que se insere. Adriano Rodrigues (1991) aponta para essa sujeição do indivíduo ao estoque de significados compartilhados presente no mundo intersubjetivo, a partir do qual ele constitui as experiências. Estas se configuram, assim, a partir do quadro cultural de uma sociedade – o que também é destacado por Valverde: “atribuímos sentido ao mundo no caldo da cultura, no fluxo das significações, a partir das quais a nossa experiência é sempre retomada. O conceito mesmo de experiência nos remete a essa dinâmica de retomada do passado e projeção para o futuro, que caracteriza a existência” (Valverde 2007: 256).

Além de evidenciar a natureza simbólica da experiência, Valverde destaca a dimensão temporal que a constitui: uma experiência se efetiva retomando significados instituídos, ao mesmo tempo em que projeta desdobramentos no fluxo que articula essas diferentes temporalidades. A experiência não apresenta, assim, um caráter inaugural em cada contexto, mas ela se insere em um fluxo que a antecede e, a partir dela, novos elementos simbólicos poderão se instituir.

A partir dos autores aqui retomados, pode-se considerar a experiência como resultado da interação entre os sujeitos e o mundo, em um processo marcado por ação, padecimento e transformação. Existem diferentes graus de experiência, que dependem do modo como os sujeitos são afetados por ela. Nesse processo, o papel da linguagem é central, já que é ela que institui o fluxo de significações que constrói a experiência em um contexto. Esta se efetiva, assim, na prática e na ação dos sujeitos, que articulam sentidos e temporalidades na conformação de sua vivência no mundo. É essa visão acerca da experiência que orienta nossa compreensão sobre os acontecimentos.

## ACONTECIMENTO E SEU PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Inscrever o acontecimento no terreno da experiência significa que ele deve ser apreendido a partir do contexto ou situação em que ocorre. Podemos falar de uma “elaboração recíproca” entre contexto e acontecimento (Babo-Lança 2006: 83), na

medida em que, ao mesmo tempo em que o acontecimento se inscreve naquele, ele também o institui. Significa, ainda, que devemos pensar na transação entre o agir e o sofrer que relaciona sujeitos e acontecimentos em determinado contexto.

Essa relação (entre sujeitos e acontecimentos) é evidenciada pela *passibilidade* que caracteriza todo e qualquer acontecimento. De acordo com Quéré,

O verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reacções e respostas mais ou menos apropriadas (Quéré 2005: 61).

Assim, os sentidos desencadeados pelo acontecimento afetam os sujeitos e, ao mesmo tempo, são afetados por estes<sup>4</sup>. A duração temporal dessa afetação é proporcional à duração do próprio acontecimento. Esta pode ultrapassar os limites estritos da ocorrência espaço-temporal, não coincidindo com a sua ocorrência empírica (Quéré 2000: 11). Conforme Quéré, o acontecimento “dura o tempo que dura a atualização de seu potencial de criação de intrigas, de revelação de possíveis ou de modificação de situações, assim como de afetação [...] daqueles a quem ele acontece” (Quéré 2000: 11).

Nesse processo de mútua afetação, o acontecimento instaura uma descontinuidade na experiência dos sujeitos, já que ele “é a novidade por relação à ordem instituída” (Ricoeur 1991: 43). A novidade assim instaurada movimenta o estado de coisas vigente, bem como os posicionamentos dos sujeitos afetados, e abre um *novo campo de possíveis* (Arendt 1993). É nesse sentido que Hannah Arendt fala do acontecimento como um começo capaz de revelar “uma paisagem inusitada de feitos, sofrimentos e novas possibilidades” (1993: 50). Ao mesmo tempo, o acontecimento marca o fim de um processo, o resultado de um encadeamento que ilumina o passado (reconstruindo-o) e projeta novos futuros, conferindo sentido a essas diferentes temporalidades.

Essa articulação entre as temporalidades na emergência de um acontecimento é discutida por George H. Mead em sua *filosofia do presente*. Para o autor, “o mundo é um mundo de acontecimentos” (1932: 1). Estes emergem como algo novo na realidade, inscrevem-se em um processo temporal em curso na experiência e sob determinadas condições, as quais influenciam sua emergência, ainda que não a condicionem completamente. É a situação em que o acontecimento emerge que “cria com sua unicidade um passado e um futuro”, tornando-se “uma história e uma profecia” (Mead 1932: 23).

<sup>4</sup> Essa dinâmica de afetação dos sujeitos como marca do acontecimento é também sugerida pelo filósofo Jacques Rancière, ao afirmar que “não há acontecimento sem sentido de acontecimento, sem subjetivação de acontecimento. [...] não há acontecimento [...] sem um alguém por quem e para quem ele tem sentido de acontecimento” (Rancière 1995: 239).

Assim, o acontecimento tanto aponta para o passado como para o futuro que ele mesmo inaugura.

O acontecimento, portanto, não deve ser tomado como algo isolado do curso social da ação, mas deve ser apreendido a partir de seu aspecto processual, ou seja, *acontecimental*. Como apontam Barthélémy e Quéré,

um acontecimento não é nem um instantâneo, nem uma ocorrência isolada submetida à observação; como elemento de uma intriga, ele está ligado a uma história em curso; suscita juízos e desencadeia ações. É por isso que se pode falar de um percurso acontecimental (Barthélémy; Quéré 1991: 24).

Nesse percurso acontecimental, que articula passado, presente e futuro, um universo de sentidos é desencadeado e é a partir dele que se apreender o *poder hermenêutico do acontecimento* (Quéré 2005). De acordo com Quéré, todo acontecimento traz em si os elementos para sua própria compreensão. Ele pode revelar uma situação imprevista ou desvelar o caráter problemático de um determinado tema ou questão em jogo:

os acontecimentos se tornam, eles próprios, fonte de sentido, fonte de compreensão e fonte de redefinição da identidade daqueles que afetam. Nessa perspectiva, em que o acontecimento vem antes dos sujeitos e das situações, é o que ele se torna através de seu percurso, e os efeitos de sentido que produz, que contribuem para individualizá-lo. É nesse sentido que se pode falar de um poder hermenêutico do acontecimento (Quéré 2010: 35).

Dessa forma, o acontecimento não pode ser simplesmente explicado por causas e consequências no mundo ou por fatores externos a ele. “Dotado de certa autonomia, o acontecimento cria as condições para sua compreensão e contém um caráter revelador ao alterar tanto as possibilidades de leitura do passado (daquilo que o causou) como do futuro (à medida que ele inaugura campos de possíveis concebíveis)” (Mendonça 2007: 119-120). É por isso que o acontecimento pode ser visto como “uma chave para tudo o que veio antes e depois” (Benjamin 1994: 37). Ao ser lembrado e tematizado, o acontecimento revela sua dimensão temporal.

Essa inserção do acontecimento em um quadro temporal, que ele mesmo constrói e ilumina, ocorre a partir dos sentidos que são instaurados nesse processo. Isso é destacado por França e Almeida, ao retomar a discussão realizada por Quéré sobre a relação entre acontecimento e fato:

Sem deixar de ser fato, isto é, sem abandonar sua factualidade, sua existência sensível no mundo, o acontecimento é também da ordem dos sentidos. No entanto – e é aí que Quéré promove uma inversão – não são os sentidos que advêm para iluminar o fato e convertê-lo em acontecimento: o acontecimento o é porque

capaz de desencadear sentidos (França; Almeida 2006: 4).

O acontecimento não se reduz, assim, à ideia de fato, já que não pode ser datado, reduzido à sua efetuação espaço-temporal e submetido à lógica da causalidade (Quéré 2005). Os sentidos transbordam da ocorrência empírica pontual, revelando novos elementos do passado, do presente e do futuro.

É importante destacar, ainda, que o acontecimento não é dotado de uma individualidade intrínseca, mas se constitui a partir de um processo de *individuação* (Quéré 2000: 11). Segundo Quéré (1995: 100), esta diz respeito a diferentes tipos de entidades: a coisas, pessoas, ações, relações e acontecimentos. Conforme o autor, um acontecimento é individuado a partir de um processo de determinação, em que se especifica o que o configura como um acontecimento particular, diferenciando-o de outros. Esse processo se realiza a partir de um percurso interpretativo, em que se podem identificar vários eixos em articulação<sup>5</sup>.

Em primeiro lugar, o acontecimento passa por um processo de *descrição*. Esta se refere à identificação da ocorrência, distinguindo um acontecimento de outros. Nesse primeiro eixo, é importante atentar para o conceito de *quadro*: na perspectiva de Erving Goffman (1974), este deve ser visto como um conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles (Goffman 1974: 10-11)<sup>6</sup>. São esses princípios conformadores dos quadros que permitem a *definição da situação*<sup>7</sup> pelos sujeitos, assim como o posicionamento deles nas diferentes interações. Ou seja, os quadros permitem responder à pergunta “O que está acontecendo aqui?”. Assim, na descrição do acontecimento, o que buscamos é justamente responder a essa questão, ou seja, identificar os quadros que organizam o acontecimento, bem como os posicionamentos adotados pelos atores sociais<sup>8</sup>.

5 Em diferentes textos, Quéré (1995, 2000, 2005) destaca vários eixos do processo de individuação. A fim de esclarecer o modo como esse processo pode ser apreendido, optamos por reorganizar tais eixos, evidenciando a nossa compreensão da individuação do acontecimento.

6 O conceito de quadro foi introduzido por Gregory Bateson (2000, 2002), na década de 1950, nos EUA, para indicar os elementos que possibilitam identificar o que se passa em determinada situação interativa. Partindo da observação de animais como lontras e macacos, o pesquisador define o quadro como o conjunto de indícios que permitem perceber uma interação como uma briga ou uma brincadeira. O próprio Goffman reconhece essa “paternidade” do conceito na introdução de Frame Analysis.

7 Esse conceito é discutido por Goffman a partir do trabalho de William Thomas (1966), para quem “a interação e seu desenvolvimento dependem [...] de um compartilhamento e/ou cumplicidade” (Velho 2008: 146), ou seja, de uma boa definição da situação pelos atores sociais engajados nela.

8 O posicionamento dos sujeitos é discutido por Goffman a partir do conceito de footing. Este diz respeito ao alinhamento, ao porte, ao posicionamento, à postura ou à projeção pessoal do participante de uma interação (Goffman 2002: 113). Está vinculado à linguagem, na medida em que é construído e transformado a partir dos discursos dos participantes de uma interação, e está diretamente ligado aos enquadramentos dos acontecimentos.

Nesse primeiro eixo, é importante destacar que pode haver uma disputa entre quadros divergentes na categorização do acontecimento<sup>9</sup>. Isso depende do modo como os atores sociais se posicionam em relação ao acontecimento e aos sentidos que eles acionam para produzir a inteligibilidade do mesmo. É a partir dessa identificação e disputa de quadros que se pode chegar à redução da indeterminação do acontecimento, manifestando seu caráter típico.

Em segundo lugar, o acontecimento passa por um processo de *narração*. Este diz respeito à organização narrativa da ocorrência, o que implica: 1) a inscrição do acontecimento em uma linha temporal, articulando-o com o passado e o futuro na construção da intriga; 2) a identificação e a compreensão das ações e dos agentes que configuram o acontecimento. Esse eixo resgata o acontecimento como uma entidade temporal, que promove aberturas em relação ao passado e ao futuro, e a sua passibilidade, na medida em que aponta para os sujeitos que movem a intriga e, ao mesmo tempo, são afetados pelo acontecimento.

O terceiro eixo do processo de individuação do acontecimento é a configuração de um *pano de fundo pragmático*. Este atenta para o fato de que o acontecimento não é uma entidade abstrata, mas articula e move práticas instituídas e hábitos de ação. Esse contexto de fundo é animado por crenças e desejos presentes nas estruturas normativas da cultura e é ele que orienta e articula as ações dos indivíduos em relação ao acontecimento. Nesse sentido, a identificação desse pano de fundo pragmático sugere a percepção dos *públicos* que se constroem em relação ao acontecimento, já que revela o modo como os sujeitos são acionados para agir e se posicionar em relação ao acontecimento<sup>10</sup>.

É importante destacar, nesse último eixo, a concepção de *públicos* adotada aqui. De acordo com Dewey (1954), públicos emergem contextualmente na medida em que várias pessoas são afetadas indiretamente por certas transações sociais e respondem, coletivamente, a essa *afetação*. É nesse misto entre o sofrer e o agir, entre a passibilidade e a agência, que públicos se configuram.

A perspectiva do pragmatista é apropriada por Louis Quéré (2003) em sua reflexão sobre os públicos. Segundo Quéré, estes se configuram efemeramente a partir da vivência

9 Michel de Fornel (1997) realiza uma interessante análise das disputas simbólicas envolvidas na configuração de um acontecimento trágico: a violência ocorrida no estádio de Heysel, na Bélgica, em 1985, quando 38 pessoas morreram e 450 ficaram feridas antes de um jogo de futebol entre Liverpool e Juventus, pela final da Taça dos Clubes Campeões Europeus. A análise mostra como o enquadramento da situação oscilou da festa ao drama, a partir da ruptura do quadro do encontro esportivo, o que implicou a modificação do engajamento dos atores sociais.

10 Além dos eixos agrupados e apresentados aqui, Quéré (2000) também chama atenção para a constituição de um problema público como um dos eixos da individuação do acontecimento em determinados casos. Entretanto, esse eixo não se aplica à análise do acontecimento proposta neste trabalho, já que, de modo geral, as ocorrências ligadas à vida das celebridades não constroem um problema público. Para interessantes análises que abordam essa questão do problema público, ver: França 2009; Lana 2010; Babo-Lança 2007; 2008a.

de certa situação. Para o autor, o público deve ser pensado como *forma*, a qual não existe previamente como realidade existente: “um público não se reduz jamais à ordem dos fatos positivos” (Quéré 2003: 120). Ele se constitui a partir da afetação que indivíduos sofrem frente a uma obra ou acontecimento. É importante ressaltar, contudo, que não se trata “de atribuir uma dimensão inaugural a cada situação vivida, mas compreendê-la como atualização; viver uma experiência é reagir àquilo que vem à luz, a partir dos atributos da situação vivida e com os instrumentos de experiências passadas” (França 2006: 82).

Para Quéré, o público deve ser pensado como uma *realidade intencional*: não como fruto de intenções individuais, mas constituído por uma intenção ligada a um “contexto institucional que faz sentido”. Segundo o sociólogo francês, há uma relação oblíqua que caracteriza a constituição do público em relação a uma obra ou um acontecimento, sendo atravessada por um conjunto de normas e princípios que orienta as atitudes e os comportamentos. Nesse sentido, o autor destaca o papel do social e do quadro de experiências e significados compartilhados na configuração dos públicos.

Além disso, Quéré salienta o *caráter adverbial do público*: o que é coletivo é a ação e não o sujeito; o sujeito é um dos complementos do verbo (2003: 126). É a ação que convoca as pessoas a ocuparem papéis e lugares sociais em determinado contexto institucional. “Se é a ação que é coletiva, e não o sujeito, pode-se inferir que o que define o público é um modo de associação na experiência de uma situação; uma maneira determinada de agir e de aguentar junto” (Quéré 2003: 128).

Partindo dessa visão de público, é preciso perceber a forma como ele é afetado e construído pelos acontecimentos. É necessário atentar para o modo como ele é convocado a agir e se posicionar no contexto de fundo construído a partir da irrupção de um acontecimento.

Nessa perspectiva, configurada a partir dos três eixos do processo de individuação, os acontecimentos irrompem na experiência dos sujeitos e são descritos e narrados a partir de outras narrativas que os re-configuram – incluindo aqui as narrativas midiáticas. Na contemporaneidade, a mídia foi elevada ao “estatuto de porta-voz oficial dos acontecimentos e da transformação do social” (Ribeiro 2003: 100). Ao criticar pesquisadores que restringem o acontecimento à esfera da mídia, procuramos apontar o papel da experiência nesse processo. Entretanto, é inegável a importância e a força da mídia na individuação dos acontecimentos e na constituição de novas formas de experiência para os sujeitos. Ela nomeia, descreve e narra os acontecimentos, inserindo-os em um contexto de experiências e ações. Assim, salientamos o lugar da mídia nesse processo, ao mesmo tempo em que destacamos a necessidade de olhar para aquilo que escapa e transborda do dispositivo midiático: em que contexto o acontecimento descrito e narrado na mídia se insere e ajuda a construir, que públicos são convocados a se posicionar e como se posicionam frente à afetação desencadeada pelo acontecimento.

Esse papel da mídia na constituição dos acontecimentos foi reconhecido em um texto precursor publicado por Pierre Nora, originalmente, na década de 1970. Segundo o historiador, “nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles [*dos mass media*] e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar” (Nora 1988: 181). Para Nora, os media são responsáveis por constituir acontecimentos monstruosos, isto é, ocorrências que ganham uma dimensão inimaginável pela ação dos meios de comunicação – ainda que os acontecimentos não possam se reduzir à visibilidade concedida por aqueles.

Assim, é preciso reconhecer o espaço da mídia na individuação dos acontecimentos no cenário contemporâneo. Como destaca Quéré, “o papel dos *media* é, sem dúvida, decisivo enquanto suportes, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas” (Quéré 2005: 72-73). É preciso entender, assim, a esfera da mídia como um lugar privilegiado em que os acontecimentos “repercutem, são narrados, se dão a ver no seu desdobramento e em suas conseqüências” (França; Almeida 2006: 6).

Em texto recente, Quéré (2011) traz contribuições enriquecedoras para compreender esse papel da mídia na constituição dos acontecimentos. Ele propõe pensar duas formas de acontecimento: 1) o acontecimento-existencial; 2) o acontecimento-objeto. O primeiro se refere ao acontecimento tal como ele emerge e ganha concretude na nossa experiência do mundo. Esse tipo de acontecimento desencadeia “reações espontâneas, fundadas sobre a percepção imediata e a emoção” (Quéré 2011: 4). A segunda forma de acontecimento passa por um processo de *simbolização*, “que introduz na experiência uma dimensão diferente daquela da simples existência” (Quéré 2011: 4). Essa simbolização é realizada através da comunicação, que confere uma qualidade nova e própria ao acontecimento-objeto, que, no entanto, traz ecos do acontecimento-existencial. Passando pelo processo de simbolização, essa forma de acontecimento ganha uma dimensão discursiva e passa a fazer parte da organização de nossa conduta. É importante destacar, contudo, que essas duas formas de acontecimento não são dicotômicas, ainda que apresentem dimensões distintas.

Partindo dessa reflexão de Quéré, podemos pensar que a mídia (como uma das instituições realizadoras da comunicação) atua nesse processo de simbolização dos acontecimentos-existenciais. Nesse processo, os dispositivos midiáticos conferem uma nova dimensão às ocorrências, que adquirem uma qualidade própria em sua constituição como acontecimentos-objeto. Apesar dessa distinção, entendemos que o acontecimento-objeto traz marcas do acontecimento-existencial, que só pode ser apreendido a partir de sua simbolização. Dessa forma, a análise dos acontecimentos tal como construídos e individuados pela mídia nos permite apreender (ao menos em parte) os significados que ecoam a partir da emergência concreta das ocorrências e como esse acontecimento



*simbolizado* participa da organização de nossa experiência no mundo – e de novas experiências nele. Esse tipo de análise nos permite, ainda, apreender a imbricada relação entre mídia e sociedade, não como esferas separadas: os acontecimentos na mídia são também acontecimentos na sociedade, e a leitura daqueles nos permite perceber como as ocorrências emergem na vida social e ordenam nossa experiência.

Vários estudos vêm sendo realizados a partir dessa compreensão do acontecimento e procuram perceber o papel da mídia em seu processo de constituição. Vera França (2009) investigou o sequestro da jovem Eloá pelo ex-namorado Lindenberg, que teve grande destaque e repercussão na mídia brasileira em outubro de 2008. A pesquisadora investigou o processo de *individualização* desse acontecimento e evidenciou que o sequestro foi, a princípio, inscrito em um quadro mais amplo de violência urbana no Brasil, ao lado de outros casos de crueldade que envolvem dramas individuais, e não como um caso de violência de gênero. De acordo com França, “a escolha de um enquadramento no campo das relações e papéis de gênero viria problematizar este caso para além da esfera pessoal dos envolvidos, e particularizá-lo dentro do quadro geral da violência urbana no Brasil” (2009: 16). Essa escolha realizada pelos dispositivos midiáticos acaba por manter o acontecimento “no limite entre problema público e domínios particulares”.

O mesmo acontecimento é analisado de modo comparativo a um outro assassinato (de Ângela Diniz, ocorrido em 1977) por Cecília Lana (2010). A pesquisadora procura investigar esses dois acontecimentos a partir de seu processo de individualização pela mídia, tendo em vista as relações de gênero que configuram a sociedade brasileira contemporânea, ainda muito marcada por machismo e padrões patriarcais. Lana (2010) observa os sentidos desencadeados pelos dois acontecimentos, bem como o caráter problemático que revelam, no intuito de perceber valores e normas relativos à questão de gênero.

Marco Antônio de Almeida (2006) parte da noção de acontecimento para investigar a crise política desencadeada pelo *mensalão*<sup>11</sup>. O foco da pesquisa foi em uma personagem específica daquela cena política: Fernanda Karina, ex-secretária de Marcos Valério, um dos protagonistas da crise. O objetivo foi perceber a atuação dessa personagem, bem como o acontecimento que se desenha em torno dela.

Em diálogo com esse trabalho, a pesquisa de Roberto Almeida (2006) se volta para o terceiro eixo da individualização do acontecimento aqui evidenciado: a configuração de públicos em relação ao acontecimento Fernanda Karina. O pesquisador procura perceber como a experiência desse acontecimento “toca os sujeitos e afeta suas perspectivas e visões de mundo, seus modos de perceber a si mesmo e a realidade circundante” (Almeida 2006: 3).

11 Nome como ficou conhecido o esquema de corrupção envolvendo o Partido dos Trabalhadores e alguns parlamentares, que receberiam uma mesada para votar favoráveis às pautas defendidas pelo governo em 2005.

Esses trabalhos mostram a riqueza do conceito de acontecimento para análise de diferentes objetos – como uma crise política ou uma violência de gênero. Demonstram, ainda, o papel e a força da mídia como uma voz central na construção e na individuação dos acontecimentos na contemporaneidade. Nesse processo (de descrição, narração e construção de um pano de fundo pragmático), os meios acionam enquadramentos, nomeiam e identificam acontecimentos, convocam os sujeitos afetados a agir orientados pelos quadros normativos da cultura. Nesse sentido, a análise da individuação dos acontecimentos permite perceber valores e normas que constroem o contexto social em que vivemos<sup>12</sup>. Isso porque, na emergência de um acontecimento, que irrompe, afeta a vida dos sujeitos e provoca mudanças, valores e normas são evidenciados.

Dessa forma, valores e normas podem ser vistos como filtros que nos permitem avaliar um acontecimento e o modo como ele afirma ou questiona os elementos configuradores do quadro cultural. Quadro esse que é acionado, atualizado e também transformado a partir do modo como a mídia atua na individuação dos acontecimentos que constroem a trajetória das celebridades. Nesse processo de individuação (e simbolização) dos acontecimentos, a mídia constrói, cotidianamente, narrativas de caráter biográfico acerca das figuras públicas – questão que discutiremos na próxima seção deste artigo.

## ACONTECIMENTO E BIOGRAFIA DAS CELEBRIDADES

Os acontecimentos-objeto construídos pela mídia acerca das celebridades revelam traços de uma trajetória de vida. A noção de *trajetória* privilegia o caminho traçado, o

<sup>12</sup> Valores e normas são entendidos aqui a partir da perspectiva de Habermas (1997), que apresenta quatro diferenças inter-relacionadas para caracterizar as duas noções. A primeira se refere ao sentido desses conceitos. Enquanto normas são deontológicas e se referem a obrigações, valores apresentam um sentido teleológico, englobando concepções de bem. Um segundo elemento a distinguir tais noções diz respeito à forma como os sujeitos se relacionam com eles. Normas podem ser válidas ou inválidas, enquanto valores aceitam hierarquias, sendo que alguns são mais atrativos do que outros. Se as normas demandam um posicionamento de adoção ou rejeição (um posicionamento de “sim” ou “não”), os valores admitem gradações em diferentes situações (Livet 2006; 2009). A terceira distinção discutida por Habermas refere-se à questão da obrigatoriedade absoluta ou relativa de normas e valores: “A validade deontológica de normas tem o sentido absoluto de uma obrigação incondicional e universal: o que deve ser pretende ser igualmente bom para todos. Ao passo que a atratividade de valores tem o sentido relativo de uma apreciação de bens, adotada ou exercitada no âmbito de formas de vida ou de uma cultura: decisões valorativas mais graves ou preferências de ordem superior exprimem aquilo que, visto no todo, é bom para nós (ou para mim)” (Habermas 1997: 316-317). Por fim, o pensador discute uma distinção em relação aos critérios aos quais os sistemas de normas ou de valores devem satisfazer. Segundo Habermas, as normas não podem apresentar contradições entre si, se pretendem ser válidas para um mesmo grupo (1997: 317). Os valores, por sua vez, “concorrem para obter a primazia; na medida em que encontram reconhecimento intersubjetivo no âmbito de uma cultura ou forma de vida, eles formam configurações flexíveis e repletas de tensões” (1997: 317). Em virtude dessas características, as normas tendem a ser mais permanentes, ainda que não sejam imutáveis, enquanto os valores são mais flexíveis e passíveis de mais mudanças e de modo mais rápido quando comparadas às transformações normativas de uma cultura. De qualquer forma, valores e normas regem permanentemente nossa conduta, ainda que não pensemos sobre isso em cada ação cotidiana.

percurso atravessado e pode ser entendida como um “processo de configuração de uma experiência social singular” (Kofes 2001: 27). Nesse percurso, inúmeros acontecimentos deixam sua marca, entendida como aquilo que “fica impresso, gravado, porventura indelevelmente, sem poder ser apagado, como algo que se imprime no corpo, na carne” (Cardoso E Cunha 2005: 105). São as marcas que se tornam referências, experiências memoráveis na configuração de uma trajetória, cuja apreensão pode revelar não apenas traços do protagonista que a constrói, mas também dos valores, da política e da história local (Kofes 2001: 23)<sup>13</sup>. Assim, ao olhar para as trajetórias de vida das celebridades, construídas cotidianamente pela mídia, é importante olhar para esses dois eixos: a biografia do protagonista de uma trajetória e o contexto em que esta se insere.

Uma biografia é escrita de forma narrativa e, com isso, constrói uma ordenação temporal da trajetória do personagem biografado. Ou seja, uma *narrativa biográfica* oferece “um enquadramento retrospectivo e prospectivo”, ao ordenar a vida, “articulando memória e aspirações (‘projetos’) dos indivíduos, suas motivações e os significados de suas ações numa conjuntura própria de vida, conferindo uma seqüência às etapas de uma trajetória pessoal” (Rondelli; Herschmann 2000: 203).

Para Pierre Bourdieu (2002), a possibilidade de apreender essa conjuntura própria de vida através da escrita biográfica é uma *ilusão*. O autor reconhece que “uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (Bourdieu 2002: 183). Entretanto, ele questiona a “criação artificial de sentido” que é marca da escrita biográfica, assim como a linearidade que a constitui:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (Bourdieu 2002: 189-190).

A denúncia da *ilusão biográfica* realizada por Bourdieu tem o mérito de questionar a ideia de uma possível “transparência entre o biógrafo e o biografado” (Dosse 2009: 210). Partindo dessa proposição, enfatiza-se o caráter processual da escrita biográfica, que não deve ser tomada como mero reflexo ou espelho da vida que procura narrar. Ou seja, as biografias não são entendidas como homogêneas, afinal, “o significado de uma vida nunca é unívoco” (Dosse 2009: 375). Apesar disso, elas não devem ser tomadas como uma

13 A antropóloga Suely Kofes (2001) busca reconstruir, etnograficamente, a trajetória de Consuelo Caiado, uma farmacêutica da cidade de Goiás, em sua forma narrativa. Perseguindo os rastros da personagem estudada, Kofes procurou conversar com pessoas que a ajudassem a reconstruir o caminho de Consuelo.

criação artificial de sentido. Se é certo que a riqueza e a complexidade de uma trajetória de vida não podem ser reduzidas a uma narrativa homogênea e definitiva, também é inegável que traços e acontecimentos marcantes de uma vida podem ser revelados a partir de relatos diversos. Assim, uma biografia é “uma estrutura inelutavelmente compósita, uma convergência de relatos diversos enredados uns nos outros” (Dosse 2009: 67).

Roland Barthes (2005) traz a noção de *biografemas* para designar “esses pequenos detalhes, que [...] podem dizer tudo a respeito de um indivíduo” (Dosse 2009: 306), remetendo à singularidade do mesmo. Décio Pignatari (1996) retoma o conceito para falar das unidades distintivas que ajudam a compor o *puzzle biodiagramático* que constrói uma biografia: esta não é algo dado, mas é construída e organizada como um diagrama.

Esse *puzzle biodiagramático* é construído tendo em vista os dois acontecimentos que delimitam o espaço de uma trajetória de vida: o nascimento e a morte. Nesse sentido, uma biografia é vista como interpretação dessa trajetória, apresentando-se para nós como *evenemenial* (Cardoso e Cunha 2005: 106-107). Ou seja, ela é construída entre esses dois acontecimentos únicos e radicais, esses dois pólos – inaugural e final – em que uma vida se desenvolve. É entre esses dois acontecimentos que se constrói o sentido de uma trajetória para o protagonista de tal biografia e para aqueles que por ela se veem afetados. Entre eles, outros acontecimentos ocorrem e deixam suas marcas impressas na vida que se constrói nesse percurso.

Em geral, as biografias partem desse último acontecimento – a morte – que impulsiona discursos que procuram (re)escrever a vida do sujeito: “a morte gera escrita, como já havia observado Michel de Certeau” (Dosse 2009: 274). Para Pasolini, “a morte realiza uma *montagem fulminante da nossa vida*: ou seja escolhe os seus momentos verdadeiramente significativos” (1982: 196, grifos do autor). A morte suscita, assim, relatos de natureza biográfica, que elegem eventos, detalhes, valores, enfim, a serem evidenciados na construção das trajetórias.

É preciso destacar, contudo, que não é apenas a morte de um sujeito que gera a escrita biográfica. Como destaca Dosse, atualmente, “mesmo os limites que pareciam mais intangíveis, como os que definem o desenrolar biográfico entre o nascimento e a morte, são hoje questionados tanto a montante quanto a jusante” (Dosse 2009: 405). O historiador destaca que, depois de um longo eclipse da biografia, assistimos, a partir dos anos 1980, “a uma verdadeira explosão biográfica que se apossa dos autores e do público num acesso de febre coletiva que dura até hoje” (Dosse 2009: 16). Essa febre coletiva impulsiona relatos não apenas pós-morte de um sujeito, ainda que a narração do percurso do nascimento até a morte continue sendo um traço marcante desse tipo de narrativa.

Herschmann e Pereira (2003) destacam o papel que essa explosão biográfica desempenha na ordenação da vida dos sujeitos na contemporaneidade e também na

revelação de valores e visões de mundo. Segundo os autores, as narrativas biográficas vêm se tornando referências fundamentais para os indivíduos nesse contexto, já que é a partir delas que “os agentes sociais, ao mesmo tempo, atribuem sentidos e significados para a realidade e constroem, provisoriamente, um lugar para si no mundo” (Herschmann; Pereira 2003: 8). Nesse sentido, elas são centrais para o modo como os atores sociais ordenam suas vidas na contemporaneidade.

Essa importância da biografia na vida social hodierna é associada por Gilberto Velho ao individualismo que caracteriza nosso tempo. Segundo o antropólogo,

nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico, que passa a ser medida de todas as coisas. [...] Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade ocidental moderna (Velho 2003: 100).

Nesse contexto, marcado também por dispersão, fluidez e efemeridade, as narrativas biográficas “produzem a sensação de ordenamento, de coerência e da possibilidade de apreensão da totalidade de uma trajetória de vida” (Rondelli; Herschmann 2000: 203). É por esse papel na produção de uma sensação de ordem em um mundo desordenado que Rondelli e Herschmann (2000) apontam para a centralidade da construção biográfica na contemporaneidade, principalmente por sua articulação com as diferentes mídias. Em dispositivos midiáticos diversos, esses textos de natureza biográfica nos rondam, revelando episódios que constroem a trajetória de um sujeito (Rondelli; Herschmann 2000: 215). Como destaca Pena, “se, no passado, era preciso ler a biografia de uma estrela para conhecer passagens de sua intimidade que ela julgasse conveniente divulgar, hoje a biografia é escrita diariamente na mídia” (Pena 2002: 155). É dessa forma que trajetórias de vida das celebridades se tornam públicas, as quais são alimentadas pelo próprio desejo da sociedade de acompanhar as narrativas biográficas de certos sujeitos.

É fundamental atentar para o fato de que nem sempre são os acontecimentos de interesse público que chamam a atenção da sociedade nas trajetórias de vida dos famosos. Aliás, é justamente a sustentação do interesse por sua *vida privada* que ajuda a caracterizar uma celebridade. Segundo Graeme Turner (2004), esta precisa de mais do que um catálogo de atividades profissionais de sucesso para alimentar o desejo da mídia por acompanhar sua trajetória. Conforme o pesquisador,

nós podemos mapear o preciso momento em que uma figura pública se torna uma celebridade. Isso ocorre no momento em que o interesse midiático em suas atividades é transferido dos relatos em torno de seu papel público (como suas reali-

zações específicas na política ou no esporte) para a investigação dos detalhes de suas vidas privadas (Turner 2004: 8).

Assim, acontecimentos de natureza tanto pública como privada deixam suas marcas na trajetória de vida das celebridades e suscitam a atenção da mídia. Eles irrompem na experiência cotidiana das estrelas e são descritos, enquadrados e narrados pelos diferentes dispositivos midiáticos. Os sentidos instaurados pela mídia, mesmo que não tragam toda a complexidade dos acontecimentos (e da trajetória dos ídolos), permitem construir uma compreensão acerca destes. Afinal, os acontecimentos-objeto trazem ecos dos acontecimentos-existenciais. A análise dos acontecimentos-objeto construídos pela mídia nos permite, assim, perceber não apenas o que é enquadrado pelo dispositivo midiático, mas também o que transborda e aponta para o contexto social, seu quadro de valores e o lugar da experiência (das celebridades e dos públicos que com elas dialogam).

Ao descrever e narrar as ocorrências que edificam a vida das celebridades, assim como ao interpelar o público a se posicionar em relação a elas, a mídia atua nesse processo de individuação (e simbolização) dos acontecimentos que ordenam a vida das celebridades. Nesse sentido, a mídia participa, cotidianamente, da construção de *biografias* das figuras públicas, ou seja, produz relatos de vida em relação aos acontecimentos que constroem a trajetória de tais personalidades. Trajetória essa que é delineada a partir de pequenos detalhes, *biografemas* que nos dizem quem são essas celebridades.

A ideia de *biografemas* nos permite, assim, pensar em uma multiplicidade de detalhes, de ocorrências, tratados em inúmeros relatos, os quais edificam uma biografia heterogênea, construída em suportes e discursos diferenciados. É dessa maneira que se pode refletir sobre as biografias das celebridades escritas pela mídia: como narrativas heterogêneas, múltiplas, construídas a partir de fragmentos de discursos instaurados em dispositivos diversos.

## PARA CONCLUIR

O objetivo deste artigo foi discutir a noção de acontecimento, no intuito de apreender algumas de suas contribuições para análise da trajetória e da narrativa biográfica das celebridades. Os acontecimentos (de natureza profissional e pessoal) irrompem na vida dos famosos e chamam a atenção da mídia, que, através de inúmeros relatos de caráter biográfico, atua na individuação e na simbolização dos acontecimentos que constituem o percurso de vida das celebridades. Os discursos midiáticos assim construídos interpelam os sujeitos a não apenas acompanhar, mas criticar, elogiar, posicionar-se, enfim, em relação a

tais acontecimentos. Nesses processos, normas e valores sociais são acionados, tematizados e atualizados. Todos esses relatos, enredados uns nos outros, configuram um diagrama da vida de uma celebridade, ou um *puzzle biodiagramático*; ou seja, fazem emergir uma possível narrativa biográfica dessa figura pública, marcada por detalhes de sua vida pública e de sua vida privada. A apreensão dessa narrativa pode nos revelar uma imagem pública da celebridade analisada, bem como evidenciar os valores que a edificam.

Dessa forma, acreditamos que a operacionalização do conceito de acontecimento (a partir dos vários eixos que constituem seu processo de individuação) pode ajudar a compreender a construção das celebridades na cena pública contemporânea<sup>14</sup>. Entendemos que a mídia participa desse processo na medida em que descreve, identifica, narra e constitui públicos em relação às ocorrências que marcam a vida das figuras públicas. Com isso, a análise de alguns discursos midiáticos que abordam acontecimentos ligados à trajetória de uma celebridade possibilita (re)construir uma narrativa biográfica da mesma, evidenciando os *biografemas* constitutivos do *puzzle biodiagramático* que edifica tal biografia. Nesse sentido, a análise do acontecimento (a partir de diferentes fragmentos midiáticos) nos permite apreender não apenas a configuração desse rosto público, mas também a sua inserção no contexto social contemporâneo e seu quadro de valores.

<sup>14</sup> Essa operacionalização do conceito para análise empírica de uma celebridade foi desenvolvida em outros trabalhos. Cf. Simões, 2011, 2012a, 2012b, 2012c.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marco Antônio Pessoa V. 2006. A Secretária da Crise: A construção do acontecimento Fernanda Karina Somaggio. Belo Horizonte: Monografia de Graduação em Comunicação Social, FAFICH-UFMG.
- ALMEIDA, Roberto Edson de. 2006. O acontecimento e seus públicos: o caso Fernanda Karina Somaggio. Belo Horizonte: Monografia de Graduação em Comunicação Social, FAFICH-UFMG.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. 2009. A construção da notícia. Petrópolis: Vozes apud MEDITSCH, Eduardo. 2010. “Jornalismo e construção social do acontecimento”. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular: 19-42.
- ANTUNES, Elton. 2008. “Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade do discurso jornalístico”. *Revista Contemporânea*, v. 6, n. 1: 1-21.
- ANTUNES, Elton. 2007. “Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico”. *Revista Em Questão*, v. 13, n.1: 25-40.
- ARENDT, Hannah. 1993. “Compreensão e Política”. In: \_\_\_\_\_. *A dignidade da política. Ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: 39-53.
- BABO-LANÇA, Isabel. 2006. “O acontecimento social”. In: \_\_\_\_\_. *A configuração dos acontecimentos públicos: o “Caso República” e as manifestações nos Açores em 1975*. Coimbra: MinervaCoimbra: 63-88.
- BABO-LANÇA, Isabel. 2007. “Problema Público Processos de Enquadramento: o caso Madeleine McCann”. *Revista Trajectos*, n. 11: 47-66.
- BABO-LANÇA, Isabel. 2008a. “A Corrupção como Problema Público e a Nova Ética da Confiança”. *Revista Trajectos*, n. 12: 7-20.
- BABO-LANÇA, Isabel. 2008b. “Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional”. In: *I Colóquio em Comunicação e Sociabilidade – Comunicação Midiática: instituições, valores e cultura*. Belo Horizonte: p. 1-20.
- BARTHÉLÉMY, Michel; QUÉRÉ, Louis. 1991. *La mesure des événements publics: Structure des événements et formation de la conscience publique. Rapport de recherche pour le CNRS*. Paris: Centre d’Etudes des Movements Sociaux: p. 1-85.
- BARTHES, Roland. 2005. Sade, Fourier, Loyola. São Paulo: Martins Fontes.
- BATESON, Gregory. 2000. “A theory of play and fantasy”. In: \_\_\_\_\_. *Steps to an Ecology of mind*. Chicago: University of Chicago Press: 177-193.
- BATESON, Gregory. 2002. “Uma teoria sobre brincadeira e fantasia”. In: B.T. Ribeiro; P.M. Garcez. (org.) *Sociolingüística Interacional*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola: 85-105.
- BENJAMIN, Walter. 1994. “A imagem de Proust”. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e*



- política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1. 7. ed. São Paulo: Brasiliense: 36-49.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico de M. B. 2010. “Tipologias do acontecimento jornalístico”. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular: 121-142.
- BOORSTIN, Daniel. 1992. “From hero to celebrity: the human pseudo-event”. In: \_\_\_\_\_. *The image: a guide to pseudo-events in America*. New York: Vintage: p. 45-76.
- BOURDIEU, P. 2002. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. *Usos & abusos da história oral*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV: p. 183-191.
- BREGMAN, Dorine. 1997. “Le cadrage du débat public. Le projet de CSG”. In: P. Beaud et al. (org.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET : 473-495.
- CARDOSO E CUNHA, Tito. 2005. “Acontecimento e biografia”. *Revista Trajectos*, n. 6: 105-108.
- CHARAUDEAU, Patrick. 2006. “A construção da notícia: um mundo filtrado”. In: \_\_\_\_\_. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto: 131-142.
- DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. 1994. *Media events: the live broadcasting of history*. Cambridge / London: Harvard University Press.
- DELEUZE, Gilles. 1975. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- DEWEY, John. 1998. “Context and Thought”. In: \_\_\_\_\_. *The essential Dewey*. v. 1. Pragmatism, education, democracy. Bloomington: Indiana University Press apud POGREBINSCHI, T. 2005. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- DEWEY, John. 1954. “Search for the public”. In: \_\_\_\_\_. *The public and its problems*. Chicago: Swallow Press: 2-86.
- DEWEY, John. 1980. “Tendo uma experiência”. In: M. Leme (org.). *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural: 89-105.
- DOSSE, François. 2009. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: EDUSP.
- FORNEL, Michel de. 1997. “Violence, sport et discours médiatique. L'exemple de la tragédie du Heysel”. In: P. Beaud et al. (Orgs.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET: 453-471.
- FOUCAULT, Michel. 1966. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Portugalia.
- FRANÇA, Vera R. V. 2009. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. In: VI SOPCOM, Lisboa: 1-19.
- FRANÇA, Vera R. V. 2006. “Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação”. In: C. Guimarães; V..R.V. FRANÇA.(org.) *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica: 60-88.
- FRANÇA, Vera R. V.; ALMEIDA, Marco Antônio P. V. 2006. “O caso Fernanda Karina:

- as potencialidades do acontecimento”. In: VIII Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação e da Informação, Université Stendhal-Grenoble III, Echirolles, França.
- FRANÇA, Vera R. V. 2010. Impessoalidade da experiência e agenciamento dos sujeitos. In: B.S. Leal; C.G. Guimarães; C.M.Mendonça (org.) Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica: 39-54.
- GOFFMAN, Erving. 2002. “Footing”. In: B.T. Ribeiro; P.M. Garcez. Sociolinguística Interacional. (Org.) 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola: 107-148.
- GOFFMAN, Erving. 1974. Frame Analysis: an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press.
- GUIMARÃES, César G.; LEAL, Bruno Souza. 2008. “Experiência estética e experiência mediada”. Revista Intexto, v. 2, n. 9: 1-14.
- HABERMAS, Jürgen. 1997. “Normas versus valores: crítica a uma autocompreensão metodológica falsa do controle da constitucionalidade”. In: \_\_\_\_\_. Direito e Democracia: entre facticidade e validade I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 314-330.
- HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). 2003. Mídia, Memória e Celebidades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade. Rio de Janeiro: E-Papers.
- JOAS, Hans. 1999. “Interacionismo Simbólico”. In: A. Giddens; J. Turner. (orgs.). Teoria Social Hoje. São Paulo: Ed. UNESP: 127-174.
- KOFES, Suely. 2001. Uma trajetória, em narrativas. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- LANA, Cecília. 2010. Acontecimento midiático e ressonâncias pragmáticas: a produção de sentido em torno de crimes passionais. Belo Horizonte: Monografia de Graduação em Comunicação Social, FAFICH-UFMG.
- LEAL, Bruno Souza et al. 2010. “Agendamento, enquadramento e noticiabilidade”. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular: 187-219.
- LEAL, Bruno Souza ; VAZ, Paulo Bernardo F.; ANTUNES, Elton. 2010. “De quem é a agenda”. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular: 221-239.
- LIVET, Pierre. 2009. As normas. Análise da noção, estudos de textos. Wittgenstein, Leibniz, Kelsen, Aristóteles. Petrópolis: Vozes.
- LIVET, Pierre. 2006. “Les normes et les valeurs”. In : \_\_\_\_\_. Les normes. Paris: Armand Colin: 7-42.
- MEAD, George Herbert. 1932. “The Present as the Locus of Reality”. In: \_\_\_\_\_. The Philosophy of the Present. LaSalle, Illinois: Open Court: 1-31. Disponível em: [http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philpres/Mead\\_1932\\_01.html](http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philpres/Mead_1932_01.html). Acesso em 22 de fevereiro de 2011.
- MEAD, George Herbert. 1938. “The Philosophy of the Act”. (Edited by Charles W. Mor-

- ris with John M. Brewster, Albert M. Dunham and David Miller). Chicago: University of Chicago. Disponível em: [http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philact/Mead\\_1938\\_toc.html](http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philact/Mead_1938_toc.html). Acesso em 24 de fevereiro de 2011.
- MEDITSCH, Eduardo. 2010. “Jornalismo e construção social do acontecimento”. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular: 19-42.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino. 2007. “Movimentos Sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público”. *Revista Lua Nova*, n. 72: 115-142.
- MIGLIORIN, Cezar. 2006. “O dispositivo como estratégia narrativa”. In: A. Lemos; C. Berger; M. Barbosa (Org.) *Narrativas midiáticas contemporâneas*. Livro da XIV Compós/2005. Porto Alegre: Sulina: 82-94.
- MIRANDA, José A. Bragança de. 2005. “O acontecimento como invenção necessária da história”. *Revista Trajectos*, n. 6: 113-121.
- MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. 1997. “Informer: une conduite délibérée. De l’usage stratégique des événements”. In: P. Beaud et al. (Org.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET : 433-451.
- MOUILLAUD, Maurice. 2002. “A crítica do acontecimento ou o fato em questão”. In: M. Mouillaud; S.D. Porto (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora UnB: 49-83.
- MUPHY, John. 1993. *Pragmatismo: de Peirce a Davidson*. Portugal: Asa.
- NORA, Pierre. 1988. “O retorno do fato”. In: J. Le Goff; P. Nora. *História: novos problemas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 179-193.
- PASOLINI, P. P. 1982. “Observações sobre o plano-sequência”. In: \_\_\_\_\_. *Empirismo hereje*. Lisboa: Assírio e Alvim: 193- 196.
- PENA, Felipe. 2002. “Celebridades e heróis no espetáculo da mídia”. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. XXV, n. 1: 146-157.
- PIGNATARI, D. 1996. “Para uma semiótica da biografia”. In: F. Hisgail. (Org.) *Biografia: sintoma de cultura*. São Paulo: Hacker editores, Cespuc: 13-19.
- POGREBINSCHI, Thamy. 2005. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. *Acontecimento jornalístico e história*. 2010. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular: 43-61.
- QUÉRÉ, Louis. 1995. “L’espace public comme forme et comme événement”. In: I. Joseph (org.). *Prendre place. Espace public et culture dramatique*. Colloque de Cérizy. Paris: Ed. Recherches : 93-110.
- QUÉRÉ, Louis. 1997. “L’événement. Introduction”. In: P. Beaud et al. (org.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET.
- QUÉRÉ, Louis. 2000. “L’individualisation des événements dans le cadre de l’expérience

- publique”. In: P. Bourdon et al (org.). *Processus du sens*. Paris, L’Harmattan : 1-23.
- QUÉRÉ, Louis. 2003. “Le public comme forme et comme modalité d’expérience”. In: D. Cefaï; D. Pasquier. (org.). *Les sens du public. Publics politiques, publics médiatiques*. Paris: Presses universitaires de France : 113-134.
- QUÉRÉ, Louis. 2005. “Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento”. *Revista Trajectos*, n. 6: 59-75.
- QUÉRÉ, Louis. 2010. “O caráter impessoal da experiência”. In: B.S. Leal; C.G. Guimarães; C.M.Mendonça (org.) *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica: 19-38.
- QUÉRÉ, Louis. 2011. “Les formes de l’événement. Pour un réalisme pragmatiste”. In: *II CIS: Acontecimento: Reverberações*, Belo Horizonte, MG: 1-24.
- RANCIÈRE, Jacques. 1995. “Os enunciados do fim e do nada”. In: \_\_\_\_\_. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34: 227-252.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. 2003. “A mídia e o lugar da história”. In: M. Herschmann; C.A.M.Pereira (org.). *Mídia, Memória e Celebidades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-Papers : 105-130.
- RICOEUR, Paul. 1991. “Événement et sens”. *Raisons pratiques* 2, Paris: 41-56.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. 1991. “Arte e experiência”. *Revista de Comunicação e Linguagem: a experiência estética*, n. 12/13: 25-33.
- RONDELLI, Elisabeth; HERSCHMANN, Micael. 2000. “A mídia e a construção do biográfico”. *Revista Tempo Social*, v. 12, n. 1: 279-309.
- SÁNCHEZ DE LA YNCERA, Ignácio. 1994. *La mirada reflexiva de G. H. Mead: sobre la socializad y la comunicación*. 2. ed. Madrid: Centro de investigaciones sociológicas / Siglo XXI de España editores.
- SANTOS, José Manuel. 2005. “Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos”. *Revista Trajectos*, n. 6: 77-83.
- SIMÕES, Paula Guimarães. 2011. “A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades”. *Revista Líbero*, v. 14: 129-140.
- SIMÕES, Paula Guimarães. 2012a. “O privado em público: reflexões sobre a construção das celebridades na contemporaneidade”. *Revista Interin*, v. 13: 1-16.
- SIMÕES, Paula Guimarães. 2012b. “Acontecimento e trajetória de vida: a construção de uma celebridade carismática”. *Revista Contemporânea*, v. 10: 410-428.
- SIMÕES, Paula Guimarães. 2012c. “RONALDO E A COPA DE 2002: dons e valores na construção de uma celebridade carismática”. *Revista Dispositiva*, v. 1: 107-121.
- SIMÕES, Paula Guimarães. 2012d. *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo*. Belo Horizonte: Tese de Doutorado em Comunicação Social, FAFICH-UFMG.
- THOMAS, William. 1966. *On social organization and social personality. Selected papers*. Chicago: The University of Chicago Press apud VELHO, Gilberto. 2008. “Gof-

- fman, mal-entendidos e riscos interacionais”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 68: 145-148.
- TUCHMAN, Gaye. 1978. *Making News: a study in the construction of reality*. New York: The Free Press apud MEDITSCH, Eduardo. 2010. “Jornalismo e construção social do acontecimento”. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular: 19-42.
- TURNER, Graeme. 2004. *Understanding Celebrity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE.
- VELHO, Gilberto. 2008. “Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 68: 145-148.
- VELHO, Gilberto. 2003. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- VERÓN, Éliséo. 1995. *Construir el acontecimiento: los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear de Three Mile Island*. Barcelona: Gedisa apud MEDITSCH, Eduardo. 2010. “Jornalismo e construção social do acontecimento”. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular:19-42.
- VÉRON, Éliséo. 1997. “Il est là, je le vois, il me parle”. In: P. Beaud et al. (Org.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET : 521-539.
- VALVERDE, M. 2007. *Estética da Comunicação: sentido, forma e valor nas cenas da cultura*. Salvador: Quarteto.
- VOGEL, Daisi I. “Acontecimento no jornalismo e na arte”. In: M. Benetti; V. Fonseca. (org.). 2010. *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular: 63-76.

## ABSTRACT

This paper discusses the concept of event, in order to highlight some contributions to the analysis of celebrities in the contemporary public scene. It presents some studies that use this notion and it proposes a perspective to event from the articulation with experience. It thus shows how the individuation of events occurs, demonstrating the role of the media in this process and how the events reveal values and norms which marked the social

context. To conclude, it approaches how the analysis of event allows apprehending the biography of a public figure, from different occurrences that daily build this trajectory of life. It evinces then that the operationalization of the concept of event, with the dimensions of the process of individuation, enables to comprehend the constitution of a specific public face and its insertion in the broader social context and its universe of values.

## KEYWORDS

Event, media, experience, celebrities, event analysis.

## SUBMETIDO EM

Março de 2012

## APROVADO EM

Novembro de 2012

## PAULA GUIMARÃES SIMÕES

Professora Adjunta no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora e Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) e do Grupo de Pesquisa sobre Interações Midiáticas e Práticas Culturais Contemporâneas (GRISPOP). Publicações recentes apareceram em: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Contemporânea, Líbero, e E-Compós. Contato: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br.